

Fila de espera é grande

Márcia Leite

A fila é grande. Quase 15 mil brasilienses aguardam por uma cirurgia nos hospitais da rede pública do Distrito Federal. Alguns há três anos, como Rejane Ribeiro Maia, 19 anos, que descobriu um tumor no braço esquerdo e precisou colocar uma prótese. A primeira intervenção não foi bem-sucedida e desde 2004 ela aguarda, sem previsão, uma cirurgia para resolver o problema. "Eu já perdi a conta do tempo e não tenho idéia de quando vou conseguir ser atendida", diz.

A Secretaria de Saúde promete intensificar os investimentos para reduzir o número de pacientes que esperam. De acordo com dados da secretaria, cerca de R\$ 5 milhões foram gastos no ano passado em, aproximadamente, 30 mil procedimentos cirúrgicos, entre casos eletivos (de média complexidade) e emergenciais. Apesar disso, as demandas aumentam. Em maio do ano passado, o **Jornal de Brasília** mostrou que a fila por uma cirurgia tinha 5 mil pessoas na espera.

Para reverter essa situação, a Secretaria de Saúde lançou no início do ano o Projeto Fila Zero com o objetivo de reduzir o tempo de espera para 30 dias, entre o diagnóstico e cirurgias

mais simples, como catarata, varizes, próstata, retinopatia diabética, traumato-ortopedia, otorrinolaringologia, oftalmologia, urologia, ginecologia, angiologia, proctologia, mastologia, gastroenterologia e cirurgia geral.

O subsecretário de Atenção à Saúde, Milton Menezes da Costa Neto, diz que espera em um ano zerar o número de pacientes que aguardam pelo atendimento cirúrgico. "Identificamos as principais áreas que precisam ser atendidas e vamos fortalecer a equipe. Se necessário, iremos terceirizar serviços para alguns procedimentos com contratos e convênios para atingir as metas", afirma.

Ajuda

Para ajudar a reduzir a fila não apenas no Distrito Federal, mas em outros estados onde a situação é semelhante, o Ministério da Saúde liberou uma verba de R\$ 15 milhões, dos quais R\$ 1,4 milhão virá para os cofres do GDF. A medida faz parte da Política Nacional de Procedimentos Cirúrgicos Eletivos de Média Complexidade do governo federal, instituída em 2004.

Os objetivos são identificar e reduzir ao máximo, até eliminar, se possível, as filas de espera pelo atendimento para este tipo de procedimento ci-



■ **A APOSENTADA MARIA DO SOCORRO GOMES** (foto acima), 60 anos, teve sorte ao ser encaminhada para o centro cirúrgico do Hospital de Base em menos de um mês para retirar um cisto nas costas. Já Rejane Ribeiro Maia (no detalhe), 19 anos, que precisa refazer uma cirurgia para colocar uma prótese no braço esquerdo, não tem previsão para resolver o problema

rúrgico. Os recursos serão usados em cirurgias como adenóide, catarata, hérrias, mioma, péríneo, próstata, útero (histerectomia), varizes e vesícula.

Hermerinda Gomes, 33 anos, conta que sua mãe, que está internada no Hospital de Base, já entrou no centro cirúrgico pelo menos três vezes para fazer uma cirurgia na perna e voltou. "Isso tem mais de seis meses. É um absurdo o que estão fazendo com ela", reclama. Sorte teve a aposentada Maria

do Socorro Gomes dos Santos, 60 anos. Depois da consulta, foi encaminhada para o centro cirúrgico do Hospital de Base e esperou menos de um mês para retirar um cisto nas costas. "Foi tudo rápido", disse ela.

Na unidade do Instituto do Coração (Incor) no DF a fila dos pacientes encaminhados pela rede pública local também não anda. Por meio de um contrato com o GDF, o instituto é responsável por 90% dos atendimentos cardiológicos e por to-

dos os tipos de cirurgias infantis realizadas pelo Serviço Único de Saúde (SUS). Após um atraso no pagamento das faturas, que totalizaram R\$ 2 milhões, as cirurgias foram suspensas.

Esperança

O superintendente do Incor-DF, Milton Pacífico, afirmou que durante o atraso mais de 40% dos atendimentos foram suspensos, mas garantiu que tudo já está normalizado, uma vez que o GDF repassou mais da

metade do valor. Esperança para o pequeno Pietro Ferraz da Silveira Prates, nove meses. Ele está internado há três meses no Incor-DF à espera de uma cirurgia. O bebê já passou por intervenções. Sua mãe, Ana Maria Ferraz da Silveira, diz que o apoio está sendo fundamental. "Tenho recebido todo o carinho durante esse tempo. Não há distinção entre pacientes da rede pública ou particular. Todos são atendidos com competência", afirma Ana.